

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Dalila Farias Pedro de Matos

**Trajetórias Criativas: construindo outros percursos escolares para a
superação do fracasso escolar**

Porto Alegre
2º semestre
2017

Dalila Farias Pedro de Matos

**Trajetórias Criativas: construindo outros percursos escolares para a
superação do fracasso escolar**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia - Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Professora Dra. Jaqueline Moll

**Porto Alegre
2º semestre
2017**

[...] MAS, quando falo dessas pequenas felicidades certas, que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem, outros que só existem diante das minhas janelas e outros, finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim.

Cecília Meireles¹

¹Trecho do poema "A arte de ser feliz" disponível em <<http://www.revistapazes.com/arte-de-ser-feliz-texto-de-cecilia-meireles/>> acesso em 10 dez. 2017

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, porque embora este seja um trabalho laico, acredito que a presença Dele em minha vida que me fortaleceu para chegar até aqui.

À minha família por tudo. Por serem exatamente como são e me educarem com autonomia. Pai Altair, mãe Silvana e minha irmã Angela vocês são parte importante na construção da pessoa que me tornei, obrigado por compreenderem e incentivarem minhas escolhas.

Ao W. Junior, pelo companheirismo e pelas longas conversas sobre o sentido da vida.

À todos os meus professores com quem aprendi muito, em especial à orientadora desse trabalho professora Jaqueline Moll, que, com sua prática, me fez acreditar que é possível fazer diferente...

Aos colegas de curso com quem discuti sobre educação e com quem dividi a vida acadêmica durante a faculdade, em especial às amigas Martina e Julliana com quem dividi as dúvidas e certezas sobre educação e sobre a vida!

Às escolas onde trabalhei e às minhas turmas que com seus brilhos nos pequenos olhinhos de crianças me fazem acreditar na educação e querer ser uma professora melhor...

RESUMO:

O presente trabalho iniciou a partir da curiosidade em saber mais sobre iniciativas que superam o fracasso escolar. Com a ideia de transformar a curiosidade em experiência, escolhi pesquisar sobre o Programa Trajetórias Criativas, que é um programa que foi criado por um grupo de professores do Colégio de Aplicação da UFRGS, por demanda do MEC em 2013 e implementado com parceria da SEDUC –RS. O Programa visa regularizar a situação de distorção idade-série de alunos entre 15 e 17 anos no ensino fundamental, a partir de uma proposta que modifica a forma como a escola atua. Envolvendo todos os agentes da educação e reposicionando estudantes e professores para o papel de protagonistas do processo de aprendizagem. Uma forma diferente, das que eram comuns antigamente, para enfrentar o fracasso escolar. O problema de pesquisa é “Quais as contribuições do programa trajetórias criativas para a construção de percursos escolares que colaboram para a superação do fracasso escolar?” A metodologia é o estudo de caso de caráter qualitativo com análise documental, utilizando os cadernos orientadores da proposta, entrevistas com dois professores e análise de dois vídeos de reportagens disponíveis no Youtube. Nos vídeos a ênfase é nas falas dos estudantes entrevistados. O referencial teórico utiliza autores de uma pedagogia crítica, tendo como principal referência Paulo Freire. Conclui-se que analisar propostas como o Trajetórias Criativas, que modificam o modo como a escola tradicionalmente atua é, sobretudo, não se acomodar no discurso de impossibilidade/dificuldade de mudança da escola e das formas como ela atua. Palavras-chave: Trajetórias Criativas. Educação. Fracasso escolar. Superação.

SUMÁRIO

1. PARA INICIAR O PERCURSO	6
2. MARCO TEÓRICO: REUNINDO PENSAMENTOS CRÍTICOS SOBRE EDUCAÇÃO	8
3. METODOLOGIA	16
4. PRIMEIROS PASSOS: O QUE DIZEM OS DOCUMENTOS ORIENTADORES.....	19
5. TRAJETÓRIA PARA A CONSTRUÇÃO DE PERCURSOS QUE COLABORAM PARA A SUPERAÇÃO DO FRACASSO ESCOLAR.....	26
6. O FINAL DE UMA TRAJETÓRIA: REAFIRMANDO PRÁTICAS E APONTANDO NOVOS HORIZONTES	32
9. REFERÊNCIAS	34
APÊNDICES.....	36

1. PARA INICIAR O PERCURSO

No primeiro semestre de 2017, me inscrevi para monitoria acadêmica na disciplina de Políticas e Legislação da Educação e tive a grata oportunidade de trabalhar com a professora Jaqueline Moll, que é a orientadora desse trabalho. Nessa disciplina, os estudantes tinham que realizar um trabalho de imersão investigativa em escolas. Vários grupos apresentaram trabalhos interessantes, alguns, confesso, bem desmotivadores, víamos claramente o desmonte da educação pública. Mas, um grupo apresentou uma escola que me chamou a atenção e fez com que a minha curiosidade fosse despertada.

A Escola Estadual de Educação Básica Gentil Viegas Cardoso, na cidade de Alvorada, região metropolitana de Porto Alegre, se destacou entre as demais pelo fato de ter um projeto de educação muito interessante. A escola aderiu ao programa Trajetórias Criativas que é uma proposta de intervenção pedagógica que visa regularizar a situação de distorção idade-série de jovens entre 15 a 17 anos no ensino fundamental, modificando a forma como a escola atua com esses sujeitos, numa perspectiva de autonomia e protagonismo de estudantes e professores. Uma parceria entre Ministério da Educação, UFRGS, Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul e escolas da rede estadual. A partir da apresentação daquele trabalho comecei a pesquisar sobre o programa, seus materiais, suas propostas, como funcionava e o que já havia sido produzido sobre o programa, pois não o conhecia.

Encantei-me com a possibilidade de conhecer e analisar uma proposta de educação de qualidade justamente para aqueles estudantes que a escola costuma entender como fracassados, pela situação de repetência, e, portanto, não dá condições para que eles avancem. Me encantei com a possibilidade de existência de uma escola pública de qualidade, ainda que, por enquanto, não seja para todos. Vi nessa situação uma oportunidade de analisar o quanto a escola engajada e com recursos para fazer uma educação de qualidade pode transformar a sociedade em que vivemos ou, pelo menos, plantar sementes para a transformação através da não exclusão desses estudantes. Vi também a oportunidade de pesquisar sobre uma experiência de educação que supera o fracasso escolar. Nesse contexto de encantamento, surge minha pergunta de pesquisa: “Quais as contribuições do programa trajetórias criativas para a

construção de percursos escolares que colaborem para a superação do fracasso escolar? ”

O objetivo geral dessa pesquisa é “analisar a possibilidade de superação do fracasso escolar através da organização da ação pedagógica” e o objetivo específico é “identificar as contribuições do programa trajetórias criativas para a construção de percursos escolares que colaboram para a superação do fracasso escolar”.

No capítulo “2. Marco teórico: reunindo pensamentos críticos sobre educação”, são apresentados os principais conceitos sobre educação de Paulo Freire e Jaqueline Moll, entre outros. É feita uma breve análise da construção do direito à educação e da situação da educação brasileira e suas implicações no que se refere à mudança da educação.

O capítulo “3. Metodologia” refere-se à delimitação dessa pesquisa como um estudo de caso. Explica sobre a escolha de uma abordagem qualitativa através de análise documental e apresenta os materiais que serão utilizados na pesquisa.

Em “4. Primeiros passos: o que dizem os documentos orientadores”, são analisados os sete cadernos orientadores do Programa Trajetórias Criativas. Trago as ideias força dos documentos, inferindo significados a partir dos conceitos dos autores do referencial teórico apresentado anteriormente.

Em “5. Trajetória para a construção de percursos que colaboram para a superação do fracasso escolar” aponto as contribuições do programa que considero que poderiam servir de inspiração para qualquer escola reconstruir sua prática e superar o fracasso escolar. Faço isso com base na análise dos documentos, nas entrevistas semiestruturadas com o professor e o ex-diretor e também nas falas de estudantes que aparecem nos vídeos selecionados.

E, por fim, no capítulo “6. O final de uma trajetória: reafirmando práticas e apontando novos horizontes” retomo algumas de minhas conclusões e aponto pontos que podem servir de partida para uma nova pesquisa.

2. MARCO TEÓRICO: REUNINDO PENSAMENTOS CRÍTICOS SOBRE EDUCAÇÃO

Ainda nas aulas de Sociologia da Educação que tive ao longo da graduação em pedagogia discutíamos sobre a escola não ser uma fatalidade, mas uma invenção da humanidade. Com base no que estudei ao longo desse curso, afirmo que é uma invenção que já passou da hora de se modificar. Conforme Moll (2013), “a mudança desse olhar e dessa lógica desafia a todos que vivem e pensam a escola como espaço democrático e supõe superar a visão de que aprender na escola seja, unicamente, decorar e recitar alguns conteúdos(p.46)”. Sabemos que a escola é essencial para a sociedade e que é uma instituição milenar. Mas que sentido tem um modelo de educação que se reproduz há séculos sem considerar que a vida tem se modificado para nossas crianças, adolescentes e jovens?

Não é por acaso que em torno de 20% dos estudantes matriculados na Educação Básica no Brasil estão em defasagem com relação à idade-ano (Censo 2016). São milhões de crianças e jovens que não conseguem se adequar à realidade escolar por fatores diversos como desconexão da escola com a vida, desconhecimento da cultura escolar que é arbitrariamente eleita como a “cultura legítima” e “universalmente válida” (NOGUEIRA, 2009), desmotivação, necessidade de trabalhar para ajudar no sustento da família², entre tantos outros.

Embora as teorias da educação afirmem que o processo de ensino deve ser adequado à realidade dos estudantes, pois “o currículo de uma escola precisa ser constantemente repensado e discutido coletivamente para que sobre ele se construam novos olhares” (BARBOSA;MOLL. 2002. p.114), ainda são os estudantes que precisam se adequar à escola para obter os resultados esperados.

Mesmo que Paulo Freire, patrono da educação brasileira (lei nº12.612/2012), tenha afirmado que é preciso “saber que ensinar não é transferir conhecimento mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”(2016. p.47) as escolas seguem sem privilegiar a autoria,

²19,1% dos jovens entre 15 e 17 anos trabalhavam em 2015, conforme observatório da criança disponível em: < <https://observatoriocrianca.org.br/cenario-infancia/temas/trabalho-infantil/621-populacao-entre-5-e-17-anos-ocupada?filters=1,236>>

por parte dos estudantes, de sua própria trajetória de aprendizagens e, por parte dos professores, com suas escolhas pedagógicas, pois esta responsabilidade está forçosamente atribuída, ainda que parcialmente, aos livros didáticos.

A crítica à educação tradicional percorre um longo caminho que ainda não conseguiu alcançar todos os seus objetivos pois “Ainda não equacionamos corretamente qual combinação curricular seria mais compatível com os ideais de construção de uma sociedade justa e democrática” (SILVA, 1992. p.90), todavia:

[...]devemos pensar em formas e variedades de currículos críticos e progressistas, os quais surgiram e vão surgir a partir do encontro de educadores, estudantes e das outras pessoas envolvidas na educação com as situações concretas de suas lutas específicas (SILVA, 1992. p.92)

A educação é sempre espaço de disputa, não se pode esquecer disso nunca. Logo, educar exige saber que nada é imutável. Por isso é essencial que as perguntas de Freire sejam um questionamento constante “Em favor *de que* estudo? Em favor *de quem*? *Contra que* estudo? *Contra quem* estudo?”(grifos do autor) (2016, p.75). Saber para que serve a escola e seu potencial enquanto única instituição que todos os cidadãos obrigatoriamente³ frequentam por um longo período de sua vida é fundamental. O incessante estudo e reflexão sobre esse tema é imprescindível para quem sonha com uma escola diferente, bem como, buscar inspirações no que outras escolas estão fazendo com êxito.

A educação, direito reconhecido e garantido por leis nacionais e documentos/tratados de caráter internacional, é fundamental para que o sujeito exerça sua cidadania e, recorrendo à história da conquista desse direito na Europa, Carlos Roberto Jamil Cury (2002) explica que a obrigatoriedade e gratuidade são frutos de um processo de lutas da população organizada, lembrando que os direitos dos cidadãos não nascem do dia para a noite e nem pela mera boa vontade dos governantes, mas que há um jogo de conflitos entre forças sociais. Na América do Sul, devido à sua história de colonização e escravidão houveram impactos culturais e sociais. As imensas desigualdades

³Conforme Parágrafo I do artigo 208 da Constituição Federal de 1988.

sociais somadas à herança de discriminação e preconceito étnico/raciais tornaram o processo de conquista do direito à educação ainda mais lento. Além disso, ao ocupar o aparelho de Estado a elite brasileira deu pouca (ou nenhuma) importância para a educação escolar pública para todos. (CURY, 2002).

Na maioria das escolas, pelo senso comum, o que se ouve é que a “culpa” da educação estar da forma como está é dos governos. Parte do processo de educação é responsabilidade dos governos enquanto líderes de Estado, pois a educação não é projeto de um governo que precisa ser modificada toda vez que troca a bandeira partidária, mas precisa ser um projeto de Estado que se aprimora em busca de atingir um resultado que é comum para todos, independente de afinidade política. Mas há também a parte que cabe à cada escola organizar, à cada professor, à cada grupo de estudantes, às famílias e a sociedade como um todo. Em conjunto e individualmente cada um tem seus deveres para que seus direitos, garantidos por lei, de fato sejam usufruídos. A educação tem que ser uma construção coletiva ou não faz sentido.

No que se refere à Lei 9.394/96, no terceiro título que trata dos direitos e deveres de educar podemos verificar o que compete a cada um, desde a oferta de educação pública, gratuita e de qualidade por parte do Estado (União, Estados e Municípios) até a obrigação de matricular os filhos por parte dos pais e responsáveis.

No Brasil temos uma Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei 9.394/96) com um ideal progressista que permite romper com as estruturas tradicionais de educação e isso fica bem claro ao ler o artigo 23, que diz:

A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupo não-seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar. (BRASIL, 1996)

E de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (2010):

Há de se reconhecer, no entanto, que o desafio maior está na necessidade de repensar as perspectivas de um conhecimento

digno da humanidade na era planetária, pois um dos princípios que orientam as sociedades contemporâneas é a imprevisibilidade. As sociedades abertas não têm os caminhos traçados para um percurso inflexível e estável. Trata-se de enfrentar o acaso, a volatilidade e a imprevisibilidade, e não programas sustentados em certezas. (BRASIL, 2010. p.9)

Contudo, ano após ano a escola segue sem se modificar para atender às mudanças em nossa sociedade. Como vimos, legalmente as escolas poderiam ser muito diferentes, poderia existir um projeto diferente em cada escola. Entretanto, as estruturas simbólicas existentes nas escolas prevalecem sobre a possibilidade de mudança. Muitas escolas públicas, que foram visitadas por colegas de curso em suas práticas pedagógicas⁴, não podiam apresentar seu Projetos Políticos Pedagógicos porque “estavam em construção”. Sabe-se que essa é uma resposta comum. Pode parecer até progressista, ora, está sendo modificado para se flexibilizar. Nada disso, geralmente sequer foi terminado. E como alguém flexibiliza algo que não foi discutido, pensado, repensado e decidido coletivamente?

Todavia, não é útil perder tempo procurando qual parte da “culpa” pertence a que agente da educação. É necessário que cada um tome consciência de sua parcela de responsabilidade com a Educação para que de fato as coisas aconteçam. É desejável que se faça a reflexão em cada escola do que pode ser feito, com os recursos que se tem, para melhorar a educação na comunidade em que a escola está inserida. Reunir a “sua turma”, buscar profissionais que acreditem no potencial de mudança que existe na escola é o primeiro passo. Conhecer as experiências construídas em outras escolas também é indicado para que o movimento de mudança aconteça. Existem outras instituições sociais que reunidas com as escolas podem fazer com que as latências virem potências, as escolas podem e devem buscar parcerias, desde que essas não desresponsabilizem o Estado de suas obrigações.

Tanto a LDB quanto a Constituição Federal determinam que a educação seja obrigatória e direito subjetivo de todo cidadão⁵. Pois se entende, ao menos no campo teórico, que a educação é capaz de promover a democracia.

⁴As práticas pedagógicas são momentos em que os alunos de licenciatura vão às escolas para ter experiências de docência, envolve planejamento e prática, o Projeto Político Pedagógico é solicitado pois ele deve ser minimamente contemplado, como deveria ser no cotidiano das escolas.

⁵Conforme Art. 5º da Lei 9.394/96 e Art. 205 da Constituição Federal de 1988.

Entretanto, garantiu-se a igualdade no acesso, mas não se pensou em como receber a todos. Porque dar o acesso não basta para que as crianças e adolescentes consigam permanecer, sabe-se que “Tratando, formalmente, de modo igual, em direitos e deveres, quem é diferente, a escola privilegiária, quem, por sua bagagem familiar, já é privilegiado”. (NOGUEIRA,2009) Sobretudo nas camadas populares da nossa sociedade é preciso se preocupar com outros fatores básicos como alimentação, transporte e materiais escolares, por exemplo, pois sem esses itens mínimos o estudante não tem como permanecer na escola, concluí-la e realizar aprendizagens suficientes para qualificar e potencializar a vida.

Alguém pode até pensar que a educação não é assistência social, e de fato não é, mas há interface entre as áreas, sobretudo pela pobreza em massa, além disso que outro órgão de Estado está tão próximo da realidade das famílias brasileiras quanto a escola? Conforme o artigo 2º da Lei 9.394/96 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.(BRASIL, 1996)

Estar a educação firmada sobre os “ideais de solidariedade humana” não é pouco e não precisa de grandes interpretações para entender que a Educação precisa se solidarizar com as situações precárias de vida e contribuir da melhor forma para que, principalmente os estudantes das camadas populares, tenham a oportunidade de se desenvolver plenamente. O país até deu alguns passos com programas como o Bolsa Família (lei 10.836/04), que condicionava o recebimento do auxílio à frequência escolar das crianças diminuindo a evasão escolar, e o Mais Educação, que em sua primeira versão⁶ pretendia ser uma estratégia indutora da educação integral no Brasil, que, transformando latências em potências, contribuíram para uma melhoria na educação pública do país. Mas não consolidou essas políticas públicas para que de fato houvesse um avanço sistemático, pois percebe-se um declínio nos investimentos.

⁶Atualmente, foi substituído o Mais Educação que abrangia sete eixos temáticos e de fato tinha uma perspectiva de educação integral, pelo Novo Mais Educação que apenas oferece reforço de português e matemática no turno inverso.

Destaca-se, que garantir o acesso à escola e a permanência por meio de auxílio social não são suficientes, é preciso garantir o sucesso escolar conforme destacam as Diretrizes (2010) “salienta-se que, além das condições para acesso à escola, há de se garantir a permanência nela, e com sucesso. Esta exigência se constitui em um desafio de difícil concretização, mas não impossível” (BRASIL, 2010. p.7), e isso significa que é preciso avaliar não só o estudante, mas também suas condições de vida, as escolas e os professores para garantir que todos estejam empenhados em garantir o sucesso escolar de todos os estudantes.

As avaliações em larga escala que abrangem o país todo em todos os níveis de escolaridade acontecem apenas no que se refere à aprendizagens dos estudantes, principalmente nas áreas de português e matemática, o que torna seus resultados frágeis no que diz respeito ao real perfil das escolas brasileiras. Mas, já que existem essas avaliações, os resultados deveriam ser diagnósticos para, se necessário, modificar as práticas da escola e dos professores. A responsabilidade pelo sucesso escolar não é única e exclusivamente do estudante. Toda a comunidade escolar deve estar envolvida para que todos e cada um de seus estudantes tenham a garantia de suas aprendizagens e seu processo de desenvolvimento.

O alto índice de fracasso escolar no Brasil pode ser relacionado, entre outros fatores, à história da educação no nosso país. Por muito tempo aceitou-se que as escolas fossem instrumentos de seleção social (e não tenho certeza se isso acabou, tenho a impressão de que as escolas continuam sendo esse instrumento, na maioria dos casos consciente ou inconscientemente) a partir de um discurso meritocrático de que todos seriam capazes se fizessem o mesmo esforço. É fato que não é só a questão social que justifica o fracasso escolar, existem fatores como distúrbios e/ou oscilações cognitivas que também se relacionam com o fracasso escolar, mas “não se trata aqui de fundar ou construir um tipo de criança repetente, porque isso não existe” (ABRAMOWICZ, 2003. p.165), em cada lugar existem perfis diferentes de crianças e jovens que não conseguem avançar na escola, mas em grande parte dos casos essa relação de fracasso escolar *versus* condição social existe.

Todavia, meu trabalho não pretende se deter em analisar o fracasso escolar, embora tenha feito muitos apontamentos até aqui do que é a realidade das escolas e do que elas poderiam ser, pretendo apontar percursos possíveis para o sucesso escolar na perspectiva de que “A escola não pode tudo, mas pode mais.”(ABRAMOWICZ, 2003. P.169), pois já existem escolas com Projetos Políticos Pedagógicos que obtém sucesso em suas ações, reestruturando a forma como a escola funciona, contribuindo para o desenvolvimento pleno do sujeito e, dessa forma, superando o fracasso escolar.

Um ditado africano, que aprendi com minha orientadora, diz que “é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança” e não há nada mais real do que isso. Não se pode pensar educação sem ligação com o mundo. A cultura do nosso país em todas as suas esferas deve compor o currículo das escolas, conforme artigo 26 da Lei 9.394/96 que finaliza dizendo que a base curricular deve conter “[...] parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos”. A educação não pode acontecer apenas dentro das salas de aula e pátios da escola, porque “[...] a educação nunca se restringiu apenas à escola. Práticas educativas ocorrem também fora dessa instituição, às vezes com maior força do que se considera” (GALVÃO; LOPES,2010. P.19), precisamos baixar os muros e deixar o mundo adentrar a escola e também levar os estudantes para o mundo, para além de suas casas e ruas.

Para que isso aconteça na escola é fundamental pensar a educação numa perspectiva de educação integral em tempo integral, o que não é apenas mais tempo na escola, mas é um tempo que de fato constitui outras percepções à respeito do conhecimento e de si próprio. (MOLL,2013).

Embora até o momento meu texto tenha parecido uma desmotivação em relação ao cenário atual da educação, por escrever sobre como as mudanças são lentas, não sou tendenciosa a ponto de dizer que não há movimento de transformação. Há de se ter claro que a burocracia e as estruturas simbólicas não conseguem deter todos os profissionais da educação e, em muitos lugares, existem projetos com significativas mudanças no funcionamento da escola. O livro “ Caminhos da Educação Integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos” (MOLL et al. 2013) nos traz belos exemplos de escolas e

até de redes que estão conseguindo mudar a realidade das escolas. São essas experiências que me fazem acreditar que a superação do fracasso escolar é possível e que falar de experiências que estão obtendo sucesso é, sobretudo, não se manter acomodado no discurso de dificuldade e impossibilidade de mudança. E como já disse Freire (2016, p.74) “O mundo não é. O mundo está sendo”.

O Programa Trajetórias Criativas atua com adolescentes e jovens, modificando o modo como o estudante atua no processo de ensino-aprendizagem, colocando-o como protagonista. Esta é uma abordagem que interessa a quem acredita que a escola é capaz de promover mudança na forma como ela atua, e, dessa forma, na sociedade em que vivemos. Portanto, esse trabalho se detêm em analisar os documentos orientadores da proposta.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso, tendo como objeto de estudo o Programa Trajetórias Criativas, mais especificamente os documentos orientadores dele, que são sete cadernos denominados: “Caderno 1 – Proposta”, “Caderno 2 – Trajetória Identidade”, Caderno 3 – Trajetória Convivência”, “Caderno 4 – Trajetória Olhares”, “Caderno 5 – Trajetória Território”, “Caderno 6 – Trajetória Memórias” e “Caderno 7- Iniciação Científica”.

A pesquisa em educação pode ter diferentes abordagens, mas este estudo é de abordagem qualitativa pois “a pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (GERHARDT; SILVEIRA. 2009, p.32).

O momento atual de instabilidade política⁷ em que estamos vivendo, com enorme desrespeito à educação pública, levou os professores e gestores das redes municipais de Porto Alegre e da rede estadual do Rio Grande do Sul à promover uma grande greve⁸ que obteve adesão de escolas que historicamente não costumavam paralisar suas atividades como forma de protesto. Estar envolvido com a educação nesse país pressupõe estar em constante luta por direitos, tanto em questões como condições de trabalho quanto em relação à investimento em qualidade para nossos estudantes. E, nesse momento, se fez necessário a paralisação das atividades nas escolas.

Este trabalho, inicialmente, sugeria uma ida à campo para levantamento de dados para análise. Todavia, com o cenário descrito, sem escolas em pleno funcionamento e com o tempo curto em que o trabalho de conclusão de curso precisa ser realizado, optou-se por fazer uma pesquisa com análise documental. Ludke e André afirmam que existem algumas situações em que é apropriado o uso de análise documental, sendo a primeira delas:

1.Quando o acesso aos dados é problemático, seja porque o pesquisador tem limitações de tempo ou de deslocamento, seja porque o sujeito da investigação não está mais vivo, seja

⁷Ocasionada pelo impeachment da presidente eleita.

⁸Após 22 meses seguidos de parcelamento dos salários e do décimo terceiro pelo governo do RS, o CEPER (Sindicato dos professores) organizou a greve que durou mais de 90 dias.

porque é conveniente utilizar esta técnica não-obstrusiva, isto é, que não cause alterações no ambiente ou nos sujeitos estudados. (LUDKE; ANDRÉ, 1986. p.39)

Além da análise documental, foi possível também utilizar como meio de coleta de dados a entrevista semi-estruturada com um professor e um ex-diretor de escola participante do Trajetórias Criativas. A entrevista foi escolhida como método de coleta de dados pois permite “o aprofundamento de pontos levantados por outras técnicas de coleta de dados de alcance mais superficial”(LUDKE;ANDRÉ, 1986. p.33).

A equipe responsável pela criação do Programa Trajetórias Criativas, elaborou sete cadernos orientadores da proposta como devolução da demanda do Ministério da Educação para o Colégio de Aplicação da UFRGS. Tendo em vista a riqueza desses materiais, no sentido de que elaboram um passo a passo, sem ser necessariamente um roteiro, para a implementação de uma proposta de ação pedagógica que reposiciona os estudantes e professores numa perspectiva de autoria, autonomia, protagonismo e criação, essa pesquisa propõe-se à analisá-los de forma a identificar quais as contribuições que este material traz para a construção de percursos escolares que tem como principal objetivo a superação do fracasso escolar.

Como forma de trazer um pouco do cotidiano das escolas que estão trabalhando com este projeto, além das entrevistas, foram selecionados dois vídeos que estão disponibilizados no Youtube⁹, que não são vídeos institucionais para que não ficasse limitado apenas à visão dos envolvidos com o Programa. São reportagens independentes para mostrar experiências escolares de sucesso que mostraram o Trajetórias Criativas. Nos vídeos a ênfase é para a fala dos estudantes.

A partir da delimitação do estudo, foram definidas como categorias de análise as “ideias força”, identificadas nos documentos orientadores, que ajudam na construção de percursos escolares que contribuem para a superação do fracasso escolar. Também foram analisadas como essas ideias se materializam no cotidiano do fracasso escolar, a partir de ações pedagógicas organizadas, e contribuem para o sucesso escolar.

⁹Links disponíveis nas referências.

Entretanto, este trabalho fica limitado em documentos que não exprimem a realidade com suas tensões cotidianas, portanto, tenho dificuldade em apontar as fragilidades ou pontos que poderiam ser qualificados para que o Programa fosse ainda mais produtivo. Embora considerasse importante uma aproximação com a realidade, a visita às escolas foi inviável por conta da greve das escolas, portanto, é preciso considerar essa análise como um recorte que se limita em analisar as possibilidades que o Programa aponta.

4. PRIMEIROS PASSOS: O QUE DIZEM OS DOCUMENTOS ORIENTADORES

Os documentos orientadores do Programa tem uma característica teórico – prática pois, ao mesmo tempo em que definem alguns conceitos, trazem ideias de como trabalhar com os estudantes na prática e de como organizar a ação educativa em todas as esferas. Cada caderno aborda uma área de conhecimento ou “trajetória”, como definem os autores da proposta. Contudo, não significa que seja uma proposta limitada, pois os autores deixam claro em todo o material que as propostas apresentadas são de caráter inspirador e não prescritivo, o que os torna mais interessantes.

O “caderno 1 – Proposta” define o Programa Trajetórias Criativas, como uma “proposta de ação educativa” que foi “concebida para inspirar gestores, professores, famílias e jovens estudantes a produzirem juntos, a aventura de ultrapassar concepções, redefinir papéis, espaços e tempos escolares”(p.1). É o caderno mais denso teoricamente e explica com detalhes o funcionamento da proposta.

Essa ação educativa tem início a partir de parcerias de trabalho entre o MEC, uma equipe de professores do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Rede Escolar Estadual do Rio Grande do Sul. O financiamento é feito com verbas do PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola) - Mais Educação e com a garantia de professores financiados pelo governo estadual. Há o princípio de “livre adesão” de todas as partes (Universidade, escola, famílias). Esse princípio, de acordo com a proposta, é fundamental para que cada um se sinta corresponsável “desde o planejamento até a avaliação parcial ou final dos processos e resultados”(p.3). Sob a ótica de Paulo Freire (1987, p.30). “A ação política junto aos oprimidos tem que ser, no fundo, ‘ação cultural’ para a liberdade, por isto mesmo, ação com eles” e com esse princípio retirado da proposta do Programa podemos inferir que o Trajetórias pretende que a ação seja assumida em conjunto como sugere Freire.

Com cada uma das partes comprometidas, e, compreendendo que são complementares entre si, configura-se o que o programa denomina “gestão compartilhada” que se define por:

trabalhar de forma articulada para, gradativamente, gerar sinergia capaz de produzir vínculos de respeito e confiança no outro, indispensáveis para transformar a convivência e garantir as aprendizagens no âmbito de todo o coletivo, e não somente na escola.(p.5)

Em todas as etapas da elaboração e execução da programa, e especialmente nas escolas, as propostas são articuladas sob “a perspectiva da AUTORIA, da CRIAÇÃO, do PROTAGONISMO e da AUTONOMIA”(p.5)(grifos do autor). Tais conceitos são compreendidos, conforme quadro retirado do próprio caderno, da seguinte forma:

Conceitos	
<i>autoria</i>	qualidade relacionada à condição dos parceiros corresponsáveis por criar algo que passa a integrar a proposta educativa ou que é produto de sua implementação.
<i>criação</i>	ação de produzir, inventar ou recriar algo que passa a integrar a configuração da proposta, ou que é produto de sua implementação, tal como uma estratégia de ação, uma solução operacional, um texto etc.
<i>protagonismo</i>	atuação de um ou mais parceiros ao intervir no contexto social com a finalidade de encaminhar a solução de um desafio, conflito ou problema.
<i>autonomia</i>	capacidade de auto-organização de um parceiro, de uma equipe, ou de uma instituição, com suas dependências e interdependências na relação das trocas que estabelece com o meio.

Figura 02. Definição de conceitos.

(Caderno 1 – Proposta, p. 5)

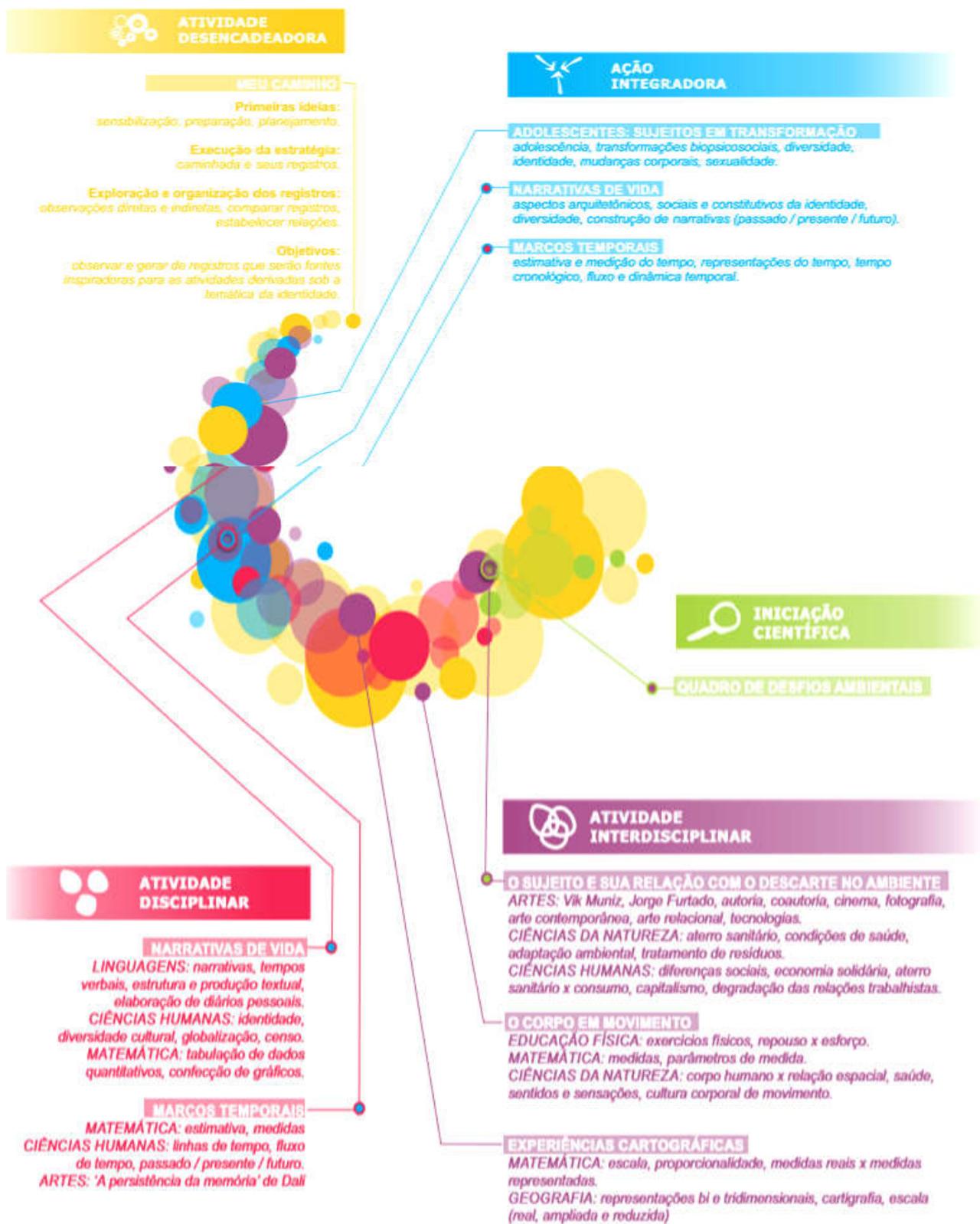
Poderemos ver esses conceitos em funcionamento nos cadernos seguintes na elaboração de propostas pedagógicas abertas que dialogam diretamente com eles. Para isso, de acordo com o caderno de apresentação, será necessário uma equipe, composta por um professor de cada componente curricular, que fará reuniões específicas e sistemáticas para planejamento trabalhando de modo articulado “o que implica a redefinição dos papéis discentes e docentes, além de novas concepções sobre o uso de tempos e espaços para aprendizagens escolares”(Caderno 1, 2013. p.6), implementando

a proposta à medida que discutem e ajustam conforme a realidade de cada escola. É possível estabelecer ligação com o pensamento de Freire (2016, p.40) quando diz que “[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática”.

Embora o material seja de caráter inspirador e não prescritivo, foram delimitadas algumas ações comuns a todos que trabalham com esse projeto. Essas ações são de caráter presencial e à distância, envolvendo todos os agentes do processo educativo. Tais como: reuniões, imersões e seminários, (que se realizam presencialmente) e lista de discussões utilizando plataformas digitais/redes sociais como canais de comunicação (à distância). As ações comuns à todas as escolas participantes, ocorrem sistematicamente como forma de ampliar os horizontes e conferir “visibilidade e alcance em escala ao que é produzido, o que provoca as equipes a reinventarem modos de trabalho docente e discente”(p.10), fazendo com que os conceitos de autoria, criação, protagonismo e autonomia, em que se fundamenta a proposta, se materializem de fato.

Os cadernos do 2 ao 7 trazem propostas completas, desde como promover a sensibilização para os temas até o desenvolvimento das ideias e de projetos de pesquisa. Todas as propostas partem da ideia de interligar o cotidiano com o conhecimento. Saindo da escola, com idas à campo, para desenvolver aprendizagens a partir da prática e da reflexão sobre a prática. Com propostas como uma caminhada nos arredores da escola até a introdução à iniciação científica, a proposta é inovadora quando coloca o estudante na posição de investigador e o professor como mediador do conhecimento.

O Caderno 2 - Identidade “tem como foco as relações que os sujeitos mantém com os espaços nos quais vivem e atuam ao longo de seus percursos existenciais” e, para isso, propõe uma sequência de atividades que podem ser visualizadas no esquema da imagem a seguir:



(Caderno 2- Trajetória Identidade, p.2)

Como atividade desencadeadora do tema proposto nesse caderno, como pode ser visto no esquema, propõe-se uma caminhada com registros feitos pelos estudantes. No caderno, os autores abordam como o professor pode sensibilizar os alunos para que eles fiquem atentos e afirmam que “a ideia é fazer com que os estudantes consigam experimentar sensações e externar sentimentos, como também elaborar relações entre os elementos observados, para compará-los com suas concepções prévias” (p.4). O local da caminhada é definido pelo grupo de professores e também será definido se todos os integrantes farão o mesmo trajeto. A partir da caminhada e das relações que serão feitas será trabalhado o tema identidade e serão desenvolvidos conhecimentos como, por exemplo, medida de tempo.

No “Caderno 3 – Trajetória Convivência”, a atividade desencadeadora proposta é uma visita ao mercado público ou feira. O destaque que faço é para a orientação dos autores quando dizem que “é preciso entrelaçar as demandas dos estudantes aos objetivos principais da trajetória, isto é, observar as interações entre as pessoas que agem e convivem no espaço a ser visitado” (p. 6), mostrando que a saída à campo não é simplesmente sair passear, mas sim uma atividade com objetivo específico de perceber as relações das pessoas com o espaço.

No “Caderno 4 – Olhares”, as atividades são de pesquisa. A proposta é a mesma para todos: pesquisem sobre o planeta Terra. A discussão se dá a partir da apresentação do que cada um selecionou e trouxe para o grupo: o que eu vejo é o mesmo que meu colega vê? Com esse ponto de partida é possível desenvolver diversos conhecimentos escolares envolvendo diversos olhares tais como o do teatro, da arte contemporânea, da diversidade cultural, etc.

No “Caderno 5 – Trajetória Território” os conceitos de território e territorialidade são trabalhados a partir das relações que fazem com o país em que vivem. Como exemplo de atividade, apresenta-se a experiência em confeccionar maquetes. Uma atividade comum nas escolas, mas que ganha significado através da reflexão que antecede sua confecção. A atividade não é apenas a produção de um material, mas a reflexão para a construção de um material que represente uma parte das aprendizagens.

No “Caderno 6 – Trajetórias Memórias” o objetivo é a construção do conceito de tempo social e suas implicações. A proposta é de que se resgate

memórias a partir de objetos, por exemplo. Partindo das lembranças dos estudantes e chegando na visita e análise a monumentos históricos, registrando as informações que os estudantes trazem.

O “Caderno 7 – Iniciação Científica”, auxilia na construção de um projeto de pesquisa onde estudantes são pesquisadores e professores orientadores. É um passo a passo, auxiliando os professores no planejamento e desenvolvimento desse trabalho que ainda está sendo descoberto nas práticas pedagógicas com crianças e adolescentes. Definem os passos dessa forma:

<i>pergunta de investigação</i>	é aquela que irá nortear a investigação; havendo mais de uma, será necessário definir a principal, sem contudo serem tomadas, no conjunto, como um questionário.
<i>justificativa</i>	é a argumentação que se refere às razões, motivações que levaram o estudante a escolher o assunto ou tema a ser investigado.
<i>hipóteses</i>	são formulações que embasam as possíveis respostas ao problema, baseadas em saberes prévios do estudante e no levantamento de conhecimentos feito em fontes de consulta disponíveis.
<i>procedimentos</i>	são ações que caracterizam o Método, são planejadas de acordo com a natureza do problema a ser investigado e visam testar a validade das hipóteses.
<i>análise dos dados e discussão dos resultados</i>	etapa em que os elementos/observações/dados são analisados e contrastados com a hipótese de trabalho, convergindo os resultados discutidos para a elaboração de uma resposta à pergunta de investigação.
<i>palavras-chave</i>	conjunto de palavras que melhor sintetizam o problema, o processo e os resultados da investigação; posteriormente, as palavras-chave serão utilizadas na construção de um mapa conceitual.

Figura 01. Elementos do processo investigativo.

(Caderno 7, p.6)

Todos os cadernos, exceto o sete, explicitam o desenvolvimento de seus temas com infográficos, iguais ao que mostrei do caderno 1, antes dos detalhamentos de cada proposta. O que nos permite ter uma visão de que independente do tema é possível trabalhar de forma articulada com os

estudantes permitindo relacionar o conhecimento escolar com a realidade. A visualização da imagem nos permite perceber que um tema pode ser trabalhado dentro de todas as áreas do conhecimento sem esgotá-lo ou torná-lo excessivamente repetitivo. É possível desdobrar o tema em diferentes questões e com isso obter o interesse dos estudantes e construir aprendizagens significativas. Compreendendo, por exemplo, que as ações humanas na natureza trazem consequências diretas para a vida de todos.

O conhecimento organizado, articulado, relacionado com o mundo, e que produz saberes indispensáveis à vida cotidiana, faz parte da escola quando o trabalho educativo é realizado da forma como o Trajetórias Criativas propõe em seus cadernos orientadores. A introdução da Iniciação Científica na educação básica “dialoga com a ampliação da importância da ciência para todos os cidadãos” como ferramenta que ajuda na compreensão do mundo em que vivem, em seus aspectos políticos e sociais.

5. TRAJETÓRIA PARA A CONSTRUÇÃO DE PERCURSOS QUE COLABORAM PARA A SUPERAÇÃO DO FRACASSO ESCOLAR

A vida, o cotidiano, o mundo tem espaços e tempos demarcados. A escola também. Mas, então, porque a vida e a escola parecem tão distantes? A vida não limita seus espaços e tempos com fronteiras impermeáveis. No cotidiano as coisas se misturam, se completam, se confundem. Todavia na escola tentamos fazer o contrário, separamos o conhecimento em disciplinas duras que não se relacionam e parecem não ter a menor ligação com a vida. Ou como Freire diria “Sugere uma dicotomia inexistente homens-mundo” (1986, p.36). O que é uma grande ilusão, pois tudo está relacionado.

Talvez a resposta para a pergunta “por que a escola fracassa?” seja bem mais simples do que pensamos, pois está claro que a escola fracassa também porque não tem relação com a vida. Precisamos revitalizar a escola trazendo a vida dos nossos alunos, dos nossos professores, da comunidade para dentro da escola. Precisamos falar do que é atual, do que preocupa, do que inquieta. E isso não significa esquecer o que é histórico, o que é conhecimento consolidado pela humanidade. Mas, significa derrubar as barreiras do currículo para construí-lo com a participação dos envolvidos.

Freire é conhecido no mundo todo por suas ideias e por sua inovação no modo de ensinar. O que ele fez? Levou o mundo e a vida dos estudantes para dentro da sala de aula. Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro também são amplamente conhecidos por suas ideias, e o que eles fizeram? Defenderam mais tempo na escola, mais cultura na escola, escola de educação integral, que não reparte o sujeito, mas que o educa em sua integralidade humana.

O Programa Trajetórias Criativas é uma ação pedagógica que vem ganhando notoriedade¹⁰, desde que foi criado, por sua proposta teórico-metodológica que propõe uma reorganização da escola, do tempo escolar e da maneira como se constrói conhecimentos para atender a demanda de superar a distorção idade-série. O espaço é o mesmo, mas o tempo e as relações espaço-temporais são outras. A organização curricular que favorece o desenvolvimento integral do sujeito, que não despreza as dores e angústias

¹⁰Para conhecer outros trabalhos sobre o Programa Trajetórias Criativas acesse <<https://www.ufrgs.br/trajetoriascriativas/pesquisa/>>

dos jovens, mas as acolhe como desencadeadoras de conhecimento é o que o programa traz de inovador.

Buscando aporte teórico para compor este trabalho não foi difícil perceber que o Trajetórias é um resgate teórico-metodológico de uma pedagogia crítica que se propõe a pensar a escola de outro modo e mais do que ficar no campo das ideias o Programa modifica a prática. É preciso que não se perca a ideia de uma escola para todos com qualidade e equidade. Precisamos fazer com que a discussão não fique apenas no plano da teoria mas que vire prática, ressignificando a escola, formulando outros percursos escolares. E é isso que o Trajetórias faz, reestruturando o modo de aprender e ensinar na escola, possibilitando diversos caminhos pedagógicos para a construção das aprendizagens.

Meu trabalho propõe-se a apontar as contribuições do Trajetórias Criativas para construção de outros percursos escolares que contribuem para a superação do fracasso escolar. Como primeira contribuição destaco a **reorganização curricular**. O que antes seria nomeado como “extra-curricular” passa a fazer parte do currículo. As saídas de campo e a prática, que produzem tanto interesse nos estudantes, são essenciais nessa reformulação. Prática que contraria a lógica da “Educação Bancária”¹¹ que no lugar de proporcionar a aprendizagem a partir da prática, proporciona a partir da narrativa sobre a prática.

No currículo tradicional as aprendizagens partem de uma lista de conteúdos que precisam ser seguidos e quase tudo que parte do interesse do aluno acaba ficando de fora. O Trajetórias organiza o currículo de forma que as aprendizagens sejam construídas a partir das questões levantadas pelos estudantes e de atividades que transcendem a sala de aula, sem que isso signifique que eles deixem de fazer as aprendizagens escolares básicas para avançar no conhecimento, pois “Assim, o educador é aquele que acompanha trajetórias, que possibilita aprendizagens diferenciadas e singulares”(BARBOSA; MOLL, 2002, p.107) fazendo intervenções para que cada um seja capaz de ir construindo aprendizagens significativas e chegando aos conhecimentos básicos por meio de trajetórias diferentes.

¹¹Educação bancária refere-se à educação tradicional onde o professor detém o conhecimento e o aluno está ali para absorver tudo o que o professor tem a ensinar.(FREIRE, 1986)

Dessa forma, podemos inferir que há no Trajetórias a intenção de promover uma educação problematizadora¹² que deseja formar cidadãos com consciência crítica, capazes de refletir sobre os problemas da sociedade e intervir para mudar.

Os cadernos orientadores da proposta trazem essa ideia e isso também pode ser evidenciado pela fala de um estudante egresso do Trajetórias que aparece no vídeo 2 (6'19" à 6'40") que descreve o Programa da seguinte forma:

-O professor do Trajetórias, ele pega o aluno, conhece o aluno e faz atividades que não é só escrever, só ler, a gente faz umas saídas de campo, entendeu? A gente vive aquele momento. Aqui tu quer mais, aqui eles te dão um jeito de tu sonhar mais, de tu buscar aquilo que tu quer. Isso é o Trajetórias!

É essencial que a escola se reformule. A escola que já fracassou não pode tentar superar o fracasso repetindo a mesma maneira de ser escola e culpabilizando o aluno. A professora do vídeo 1 (1'23" à 1'27") diz:

-(...) cabe a pergunta: aonde nós estamos errando também?

São questões como essa, aliadas ao estudo reflexivo, que fazem com que a escola se transforme para superar o fracasso escolar e fazem a discussão e a reflexão virarem ação.

Ação requer planejamento, dessa forma, posso apontar a segunda contribuição do Trajetórias Criativas para a superação do fracasso escolar: **o planejamento associado à dedicação integral dos professores**. Aqui existem duas coisas que diferenciam o Trajetórias da escola regular: uma é em relação ao tempo de planejamento e outra ao modo de planejar. Os professores que atuam no Trajetórias possuem dedicação exclusiva e têm garantido o tempo para planejamento, tempo que de acordo com a lei¹³ já deveria ser direito para todos os professores, mas na realidade não é cumprido nas escolas estaduais do RS. Além da garantia desse tempo, os professores

¹²Em oposição à educação bancária, a educação problematizadora respeita a natureza do ser humano e potencializa a ação pedagógica unindo teoria e prática para transformação da realidade com os estudantes.

¹³Conforme parágrafo V do artigo 67 da Lei 9.394/96 os sistemas de ensino deverão promover "período reservado a estudos, planejamento e avaliação incluído na carga de trabalho".

fazem o planejamento em grupo, pensando coletivamente o que será realizado com a turma, baseando-se nos interesses dos estudantes, podendo inclusive ter a participação deles nas reuniões de planejamento, conforme falas destacadas das entrevistas dos professores Marino (apêndice 2) e Fabiano (apêndice 1), respectivamente:

-O planejamento é feito em conjunto com a equipe de professores. As ideias e propostas dos alunos são levadas em conta sempre que possível.

-[...] Tudo é considerado no planejamento. Há momentos em que são realizadas assembleias onde são debatidas questões pontuais. Houve anos em que alunos participavam inclusive das reuniões de planejamento [...].

Aponto, portanto, mais uma contribuição do Trajetórias Criativas para a superação do fracasso escolar: **a participação de todos os envolvidos no processo educativo em todas as etapas da construção do conhecimento**, ou seja, participação de todos desde o planejamento até a avaliação contribuindo dessa forma para a autonomia dos sujeitos. Sabendo que é no dia-a-dia das escolas que se constrói sujeitos autônomos, pois “a autonomia vai se constituindo na experiências de várias, inúmeras decisões que vão sendo tomadas”. (FREIRE, 2016, p. 105).

A participação de todos, valorizando o que os estudantes têm a dizer coloca em prática aquilo que os documentos orientadores do Programa apresentam como fundamental que é o “sentir-se responsável” à medida que o individuo se torna autor, criador e protagonista do seu processo educativo. Além disso, também o sentimento de serem acolhidos por seus professores motiva os adolescentes e jovens a permanecerem na escola, o que pode ser evidenciado na fala da estudante do vídeo 1 (2’38” à 2’40”):

-[...]eles conversam, eles te dão ajuda, eles dão o maior apoio do mundo!

Sendo assim, chegamos a mais uma contribuição do Trajetórias Criativas para a superação do fracasso escolar: **a ampliação do tempo**. Reformulamos o currículo, aumentamos o tempo de planejamento e ele torna-se uma construção coletiva, mas continuamos com o mesmo tempo de aula.

Impossível. Em quatro horas não é viável dar conta de construir uma aprendizagem significativa e ouvir o que os estudantes têm a dizer. Esse processo de escuta, intervenção e construção de saberes aliados à curiosidade e à prática, precisa de tempo. Não se trata de ter “mais do mesmo”, se trata de criar “Trajetórias Criativas”, como o próprio nome já diz, com cada estudante.

Lidar com os questionamentos reais dos alunos, e partir disso para construir o conhecimento formal por si só já amplia o que a escola faz normalmente. Mas o Trajetórias vai além pois leva seus alunos à campo. Nessa ação pedagógica a escola **conversa com a cidade** e utiliza outros espaços além da instituição escolar para promover aprendizagens, para isso é que a ampliação do tempo é tão necessária. E essa relação com a cidade pode ser apontada como mais uma contribuição do Trajetórias.

Mas também é fundamental uma **gestão democrática** dos tempos e espaços escolares. É essencial que a gestão da escola garanta espaços para reuniões e debates acerca do planejamento. Sem esse tempo garantido fica complicado que cada professor por meio de uma ação individual consiga fazer um trabalho tão potente quanto pode ser um trabalho coletivo que une forças e amplia os horizontes. Também é preciso a gestão do espaço, permitindo que todos os lugares da escola sejam ressignificados e não privilegiando a sala de aula como espaço único em que os estudantes e professores constroem aprendizagens. A gestão dos recursos para que as experiências significativas possam acontecer dentro e fora da escola, com acesso à materiais de qualidade e também a lugares significativos como, por exemplo, o Museu da PUC-RS, o MARGS, a Casa de Cultura Mário Quintana, entre outros, também é de extrema importância.

Por fim, mas não menos importante, destaco como contribuição fundamental o **investimento em educação**. O Trajetórias Criativas, sendo uma iniciativa do MEC, com recursos oriundos do Mais Educação¹⁴ e da SEDUC-RS, mostra como o investimento é fundamental e peça importante para que aconteçam mudanças significativas no funcionamento da escola e no significado que ela tem para nossas crianças, adolescentes e jovens. Os

¹⁴Infelizmente, conforme entrevista do apêndice 1 com o professor Fabiano, a possibilidade de utilizar os recursos do Mais Educação para o Trajetórias Criativas foi extinta com a reformulação do Novo Mais Educação.

depoimentos de estudantes que voltaram a valorizar a escola, após a participação no Trajetórias, é prova de que investir em educação é o caminho para as mudanças sociais de que nosso país tanto precisa.

Os valores irrisórios¹⁵ investidos hoje por aluno no nosso país são prova de que temos muito a avançar nesse percurso, mas as contribuições elencadas nesse capítulo, que o Trajetórias Criativas nos aponta, é a esperança de que é possível fazer outros percursos para conquistar a educação de qualidade para todos no Brasil.

¹⁵Foi definido para o FUNDEB (Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação) o valor de R\$ 2.875,03 por aluno no ano de 2017. Disponível em <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2017/10/estados-e-municipios-recebem-r-873-milhoes-para-educacao-basica>> Acesso em 10 dez 2017.

6. O FINAL DE UMA TRAJETÓRIA: REAFIRMANDO PRÁTICAS E APONTANDO NOVOS HORIZONTES

Não se constrói um percurso apenas pensando como ele poderia ser, a construção exige que você pense, faça um projeto e trabalhe duro para conseguir construí-lo. A educação brasileira está construindo seu percurso, alguns obstáculos existem, mas é preciso que não se perca a ideia que estava no projeto, que é a educação de qualidade para todos. Considero que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional é um grande projeto de educação que foi conquistado e pensado por pessoas que ousaram pensar e trilhar outros percursos educacionais. São vinte e um anos desde sua aprovação e muito já foi feito trilhando um caminho de mudança, mas é preciso mais. E somos nós, que estamos começando nossa carreira na educação, que precisaremos colocar em prática o que vem sendo discutido para de fato existir uma nova educação para todos: pública, de qualidade, integral, laica, que construa aprendizagens significativas e cidadãos felizes, conscientes, independentes e democráticos!

O Trajetórias Criativas é um grande projeto, que se baseia naquilo que a legislação permite, naquilo que a teoria traz como ideal para o desenvolvimento de aprendizagens significativas e, principalmente, naquilo que a realidade sugere que seja feito. Com um censo escolar tão assustador, no que se refere à evasão e distorção idade-série, promover outras formas de escolarização para quem não conseguiu avançar nos moldes como a educação se apresenta, evita que os estudantes fracassem na escola. O Trajetórias faz esse trabalho colocando os estudantes como protagonistas de suas aprendizagens.

Essa pesquisa limita-se a analisar o que os documentos indicam e o que os professores nos dizem sobre o que é o Trajetórias Criativas e, a partir dessa análise documental, qualificada com as entrevistas, eu ousou apontar contribuições para a construção de percursos escolares que superam o fracasso escolar. A relevância desse trabalho está em não se acomodar com as dificuldades, mas apontar que é possível trilhar outros percursos escolares que nos levem ao sucesso e às aprendizagens dos estudantes. A ideia é mostrar que já existem iniciativas que rompem com a educação tradicional que está entranhada no sistema educacional brasileiro e que essas iniciativas obtém ótimos resultados sociais, humanos e culturais.

Para uma nova pesquisa é interessante que se ouça os estudantes e, com uma pesquisa a longo prazo, seria possível acompanhar a continuidade da vida dos estudantes egressos do Trajetórias Criativas para poder dimensionar o quanto uma pedagogia que produz autonomia pode contribuir para a vida dos cidadãos.

Educar é sobretudo expandir horizontes. O Trajetórias Criativas certamente apresenta essa proposta e por isso me encantei tanto pelo Programa. Hoje os efeitos de uma proposta tão rica ainda é para poucos. Apesar disso, valorizar as pequenas conquistas é acreditar que com um passo de cada vez é possível alcançar o objetivo. E o objetivo no Brasil é conquistar uma educação de qualidade para todos!

9. REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete. Quem são as crianças multirrepetentes? In: ABRAMOWICZ, Anete; MOLL, Jaqueline(orgs). **Para além do fracasso escolar**. Campinas: Papyrus, 1997.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira e MOLL, Jaqueline. Construtivismo: desconstituindo mitos constituindo perspectivas. In: BECKER, Fernando; FRANCO, Sérgio(orgs). **Revisitando Piaget**. 3ª edição. Porto Alegre: Mediação, 2002.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica**. Brasília: CNE, 2010.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> Acesso em; 10 de setembro de 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. **Trajetórias Criativas - jovens de 15 a 17 anos no ensino fundamental**: uma proposta metodológica que promove autoria, criação, protagonismo e autoria. Cadernos 1 ao 7, 1ª edição, 2014. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/inicio/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12624-ensino-fundamental-publicacoes>> Acesso em: 30 set. 2017.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Direito à educação: direito à igualdade, direito à diferença. **Cad. Pesq.**, São Paulo, n.116, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000200010>. Acesso em: 10 de dezembro de 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 54ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**.
<http://forumeja.org.br/files/PedagogiadoOprimido.pdf>

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MOLL, Jaqueline (org.). **Os tempos da vida nos tempos da escola**: construindo possibilidades. 2ª edição. Porto Alegre: Penso, 2013.

MOLL, Jaqueline [et al.]. Caminhos da educação integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos. Porto Alegre; **Penso**, 2012.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A Sociologia da educação de Pierre Bourdieu. **Educação & Sociedade**. Ano 23, no. 78, 2002. p. 15-36.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O que Produz e o que Reproduz em Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

Vídeo 1. Trecho do programa Profissão Repórter mostrando o Trajetórias Criativas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VDNpwHSS6XY> Acesso em: 10 de dezembro de 2017.

Vídeo 2. Programa "Tá no quadro" visitando o Trajetórias Criativas da escola Gentil Viegas Cardoso. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=soUxlqGKAY> Acesso em: 10 de dezembro de 2017.

APÊNDICES

Apêndice 1 - Entrevista com professor e ex-diretor de escola participante do Trajetórias Criativas Fabiano:

1- Você considera o Trajetórias Criativas (TC) uma boa proposta de ação pedagógica para superar o fracasso escolar?

Considero fundamental que existam em larga escala projetos de ação específicos para jovens em atraso escolar. Este é um dos grandes gargalos da educação no Brasil e está relacionado a questões decisivas como planejamento, currículo, avaliação, objetivos de aprendizagem, além de condições estruturais de trabalho. O programa Trajetórias Criativas foi desenvolvido desde o início com esta percepção ampla, de que não seria suficiente focar em um resultado final, mas sim olhar cuidadosamente para o processo. Com os resultados obtidos em cinco anos, na nossa escola e nas coirmãs, firmamos convicção de que não só é uma boa proposta para superar o fracasso escolar, mas também pode contribuir significativamente para uma transformação na estrutura escolar, por trazer uma abordagem que desloca o estudante para o centro do processo, algo que não temos no ensino regular.

2- Qual ou quais elementos do TC você considera que foi fundamental para o sucesso do programa?

As Trajetórias Criativas foram concebidas de forma coletiva, com participação real dos atores que iriam aplicar a proposta, os professores e as direções escolares. Apesar de haver um modelo de estrutura, inspirado no projeto Amora do Colégio de Aplicação da UFRGS, cada escola recebeu autonomia para fazer as adequações que julgasse necessárias para a sua realidade. A equipe do CAp UFRGS tratou de capacitar os professores e apoiar o andamento. Isto foi muito importante, não nos caiu um projeto de para-quedas na escola.

Pedagogicamente, a concepção apresentada trabalha questões que são muito caras às juventudes: autonomia, criatividade, protagonismo, autoria. Esta possibilidade de ação é muito atrativa aos jovens, é algo de que se ressentem muito no ensino regular, onde tudo é muito engessado, onde o currículo leva a

pouca margem de alternativas. Estabelecer com os jovens uma relação onde a responsabilidade e o respeito estão acima do autoritarismo puro e simples é algo que tem dado muito certo.

Por fim, mas não menos importante, a infraestrutura de recursos humanos é absolutamente indispensável para que se possa organizar um trabalho de fato coletivo, onde os professores disponham de tempo adequado para planejarem, executarem, avaliarem e registrarem o processo. É a mais importante contribuição da Secretaria Estadual de Educação, que até aqui tem reconhecido a importância desse investimento.

3- Como os professores receberam a proposta de trabalhar com o TC? Foram receptivos?

Na EEEF Brigadeiro Antônio Sampaio tínhamos um acúmulo de debates a respeito do atendimento aos jovens com atraso escolar. Com efeito, no ano anterior à apresentação da Trajetórias Criativas, já havíamos criado uma turma de progressão de estudos, onde já aplicamos alguns dos princípios que depois foram confirmados pela TC. Obviamente que a força de um projeto desenvolvido em uma parceria que trazia MEC, SEDUC, UFRGS e as escolas, foi super celebrada por todos nós e de fato acrescentou muita qualidade a tudo aquilo que queríamos fazer mas não sabíamos como.

4- Qual a participação dos alunos no planejamento?

Os alunos são ouvidos, trazem questões, são avaliados individualmente e coletivamente. Tudo é considerado no planejamento. Há momentos em que são realizadas assembléias onde são debatidas questões pontuais. Houve anos em que alunos participavam inclusive das reuniões de planejamento, para que compartilhassem com os colegas. Claro que as turmas são sempre diferenciadas e nem sempre a participação é igual, mas a relação tão horizontal quanto possível é um dos pilares do projeto.

5-Como as escolas ficaram sabendo do TC?

Através da coordenadoria regional de educação. Havia um assessoramento externo por conta do programa Acelera Brasil, em parceria com o Instituto Ayrton Senna. A assessora que nos atendia soube que haviam conversas

embrionárias sobre o projeto, que ainda não tinha nome. Soube que algumas escolas de Porto Alegre foram contatadas, mas se mostraram resistentes. Então, sugeriu na SEDUC um grupo das escolas que ela atendia e que via potencial. Eram cinco escolas de Alvorada e apenas uma de Porto Alegre.

6-Como a gestão da escola organizou a implementação do TC? (espaço, participantes, etc)

Na nossa escola, imediatamente percebemos que não era possível reproduzir o modelo sugerido, pelo tamanho da escola, número de alunos e de turmas. Apesar de termos um grande número de alunos com atraso escolar, não era possível montar quatro turmas. Optamos por oferecer apenas uma turma de 25 alunos e fizemos uma seleção de participantes levando em conta critérios de idade, histórico e potencial. Basicamente, substituímos a turma de progressão por uma turma TC. Como a experiência com a primeira turma foi bem sucedida, no ano seguinte criamos duas turmas, sendo uma já com alunos com quinze anos incompletos. Estávamos revertendo uma situação crítica, onde tínhamos índices de quase 40% de alunos com atraso escolar. No terceiro ano já pudemos retornar com apenas uma turma, pois já tínhamos muito menos jovens em situação de atraso.

7- Como foi a receptividade da comunidade escolar com o TC? (pais e alunos)

Temos uma relação de muita parceria e muita confiança com a comunidade. Quando chamamos os pais dos alunos selecionados, se mostraram surpresos, já que os jovens vinham de sucessivos fracassos. Alguns conheciam experiências de educação de jovens e adultos, fizeram perguntas sobre a qualidade, se teriam algum tipo de prejuízo por “acumular matérias”. Mas sem todos confiaram no trabalho proposto e foram importantes no acompanhamento do processo, algo que já não faziam mais. Hoje o projeto está incorporado na cultura da escola, tanto os alunos em atraso quanto seus pais procuram a escola pedindo para participar no ano seguinte. Recebemos muitas ligações de pais de alunos de outras escolas pedindo vagas também. Mas seguimos um critério de apenas designar alunos matriculados a mais de um ano. Tentamos assim evitar uma situação onde ficaríamos ocupados em resolver as distorções

geradas em outras instituições. Defendemos que cada instituição crie alternativas para abordar este problema.

8- Como chega os recursos para o TC na escola?

Os recursos podem chegar através da Secretaria Estadual, via Autonomia Financeira, ou pelo Ministério da Educação através dos seus programas, como Mais Educação. No último ano, entretanto, com a reestruturação do Mais Educação, esta possibilidade foi retirada. Já o financiamento via SEDUC é destinado a compra de material pedagógico e viagens de estudo, mas os depósitos vêm sendo bastante irregulares.

Apêndice 2

Entrevista com professor Marino:

1-Você considera o Trajetórias uma boa proposta de ação pedagógica para a superação do fracasso escolar?

Sim, considero porque traz uma proposta diferente do ensino regular. Por exemplo: o tempo é diferente, há uma organização que contempla o mesmo tempo de aula para todas as disciplinas. Além disso, buscamos recuperar a autoestima do estudante incentivando o mesmo ao protagonismo na medida em que o jovem elabora suas ações e práticas pedagógicas se envolvendo com elaboração de curtas, teatro, saídas a campo.

2- Qual elemento (ou quais) você considera que foi/ é fundamental para o sucesso do programa?

Em primeiro lugar o tempo para reuniões de planejamento e o atendimento individualizado com os estudantes e com os pais. O apoio da gestão escolar também é necessário.

3- Como os professores receberam a proposta para trabalhar com o Trajetórias? A proposta foi bem recebida?

Inicialmente ninguém sabia ao certo como era o projeto, por isso houve resistência. Até hoje nem todos veem o projeto com bons olhos. Alguns profissionais não entendem muito bem a proposta. Mas de maneira geral sempre tivemos apoio.

4- Como é feito o planejamento? Em conjunto com toda a equipe? Tem participação dos alunos?

O planejamento é feito em conjunto com a equipe de professores. As ideias e propostas dos alunos são levadas em conta sempre que possível.